

O olhar da senzala desconstruindo o alpendre

The slave house glance deconstructing the porch side vision

JANAÍNA DA SILVA SÁ

RAFFAELLA FERNANDEZ

RESUMO:

Para fins de análise, julgamos que, em *Diário de Bitita*, é descrita a experiência de vida levada *longe da sombra do alpendre*¹, expressão que se consagrou a partir da publicação da obra *Casa-grande & Senzala* do ensaísta brasileiro Gilberto Freyre, no ano de 1933. A intenção de se fazer referência a essa obra icônica da formação da cultura brasileira está no fato de que a ideia de uma pretensa democracia racial ainda vigora nos campos da ideologia nacional, fortalecendo a figura do homem branco como herói civilizador. Acreditamos que em *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus, se verifique uma nova perspectiva. A observação que pretendemos averiguar nessa obra se fixa em instaurar o ponto de vista da senzala, do mocambo, da choça, do terreiro e de seus sobreviventes tomados em espaços significativos nos quais se dinamizavam outras vivências, que em geral não foram reverenciadas por narrativas legitimadas pela cultura nacional. Nessas memórias narrativas o objetivo é adotar a perspectiva do elemento negro, tomado como sujeito da enunciação, buscando uma discussão com o pensamento de Gilberto Freyre, a partir da interlocução estabelecida por Roberto DaMatta. O intuito dessa análise reforça a ideia de que o pensamento freyreano é absorvido de forma acintosa pela cultura e ideologia nacionais, mesmo muito tempo depois de sua publicação.

Palavras-chave: Carolina; Diário de Bitita; Mocambo; Memória narrativa.

¹ Termo utilizado por Roberto Ventura (2001), o alpendre refere-se ao ponto de vista privilegiado; essa perspectiva sobrevém de grupos hegemônicos em contraposição aos marginalizados, que vivem em torno das casas grandes.

ABSTRACT:

For purposes of analysis, we judge that in Bitita's Diary is described the life experience taken away from the shade of the porch, expression that was consecrated from the publication of *The Masters and The Slaves*, a literary work of the Brazilian writer Gilberto Freyre in 1933. The intention of making reference to this iconic composition of Brazilian culture formation is in the fact that the idea of a pretentious racial democracy is still on the national ideology fields, strengthening the idea of the white person as a civilizer hero. We believe that in *Bitita's Diary* (1986), of Carolina, a new perspective is verified. The observation we intend to investigate in this literary work fixes in install the point of view of the slave quarters, the mocambo, the hut, the *terreiro* and its survivors, taken in significant spaces, where another experiences were dinamized, which not always were referenced by the narratives legitimized by the national culture. In these narrative memories, the objective is to adopt the perspective of the negro element, as subject of enunciation, seeking a discussion with the thought of Gilberto Freyre, starting from the interlocution established by Roberto DaMatta. The intent of this analysis reinforces the idea that the Freyrean thought is ostensibly absorbed by the national culture and ideology, even long after its publication.

Keywords: Carolina; Bitita's Diary; Mocambo; Narrative memory.

I - À GUIA DE INTRODUÇÃO

*E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a
escravatura atual — a fome! (Carolina Maria de Jesus)*

A obra *Diário de Bitita (DB)*, de Carolina Maria de Jesus, foi publicada postumamente em 1982 na cidade de Paris com diversos cortes e adaptações voltadas ao público francês no *Journal de Bitita* (Métailié). Este livro foi reeditado no Brasil em 1986, 2007 e 2014 como *Diário de Bitita* (Nova Fronteira/Bertolucci/Editora Sesi), por meio da tradução direta da língua francesa. Acreditamos que a obra *DB*, ao expor a enunciação do elemento negro, se interpõe como um modo de compreensão do contexto e das relações entre brancos e negros, priorizando o ponto de vista do segundo elemento, ou seja, reverenciando um novo olhar que contempla outros papéis sociais, nem sempre mencionados pela crítica.

Salientamos que esse enfoque que procuramos discutir se dá na obra da autora como objetivo de fugir das demarcações de um discurso que por um longo tempo sobrepôs a lógica do sistema agrário-patriarcal, ou melhor, as imposições de um sistema escravista. Essas manifestações podem ser observadas no prefácio do próprio Gilberto Freyre, em sua obra *Casa-grande & senzala*, ao defender esses interesses:

[...] é de reconstituição e interpretação de aspectos mais íntimos do passado nacional e ao mesmo tempo de sondagem de antecedentes de raça e principalmente de cultura da sociedade brasileira de formação mais profundamente agrário-patriarcal (MOTA, 2014, p. 97).

A fim de reconstituir o ponto de vista da senzala, acreditamos ser necessário observar a perspectiva dos espaços por onde os indivíduos trafegam na obra *DB*. Para tanto, avaliamos as dimensões espaciais referentes a um determinado território, além do modo como se aloca em determinada sociedade, incluindo a ideia de como seus habitantes se relacionam com esse ambiente. Assim, partimos da compreensão de Doreen Massey (2000) quando considera que: “a noção (idealizada) de uma época em que os lugares eram (supostamente) habitados por comunidades coerentes e homogêneas é contraposta à fragmentação e ruptura atuais” (MASSEY, 2000, p. 177- 178).

Diante dessa atividade inquietante a que nos propomos, não devemos nos afastar do horizonte de expectativa a partir do qual ecoa a obra de Carolina. Devemos nortear as buscas sem perder de vista que a noção do espaço habitado no universo narrativo de *DB* faz referência a outro tempo, a outra época.

Por outra via de acesso, examinamos a investida do antropólogo Roberto DaMatta na análise da projeção que a casa brasileira assumia nas constatações de Gilberto Freyre, para fins de revelar que esse espaço agia como uma *categoria sociocultural, agência de sentimentos e instituição econômica, que serve como ponto de partida analítico*. (FREYRE, 2003, p. 17).

Para DaMatta, a perspectiva da casa é um laço que manifesta modelos de comportamento, comandos, símbolos e, sobretudo, relações sociais metamorfoseadoras de todo um sistema de dominação. O autor discute que a casa gilbertiana aponta um estilo social de habitação, onde se pode verificar, por exemplo, a trajetória do regime de escravidão para o trabalho livre.

Dessa passagem se pode vislumbrar, também, a transformação do escravo em cidadão (dependente e cliente) e a transformação dos senhores em patrões. Segundo ele, é na dimensão da casa-grande que os patrões projetavam suas personalidades sociais em oposição às senzalas, consideradas o fundo do sistema.

Seguindo esse raciocínio, o antropólogo ainda revela que a casa-grande encarnava o topo do sistema, um lugar em que “suas amplas varandas, sombreadas e abertas, convidavam ao encontro, sugerindo uma intensa sociabilidade” (FREYRE, 2003, p.18). Já o espaço da senzala era “[...] de uma sociabilidade proibida, uma sociabilidade

disciplinada e contraditória, marcada pelos laços entre ‘pessoas’ e ‘não pessoas’ (FREYRE, 2003, p.18).

Assim, para DaMatta, a casa gilbertiana adquire uma grandeza de instituição englobadora da vida social, que se estendia da família senhorial à criadagem. Nesse processo verificamos que as referidas casas promovem o convívio dos extremos sociais, revelando um sistema dinâmico de uma rígida hierarquia incrementada por vínculos de interdependência dos dois lados, tanto do senhor quanto do escravo.

Desse ponto de partida, procuramos realizar uma investigação acerca de como essas marcas ideológicas na obra freyreana ainda reverberam nas ações que compreendem e/ou conduzem a dinâmica de formulação de estereótipos dentro da cultura nacional.

Assim, em *DB* a configuração dos espaços de atuação do povo negro fica condicionado ao fundo do sistema. Essa comprovação se dá a partir da análise do capítulo intitulado *Os negros*, onde Carolina narra as adversidades da condição de ser negro no Brasil pós-abolição, como podemos ler a seguir:

Meu avô era um vulto que saía da senzala alquebrado e desiludido, reconhecendo que havia trabalhado para enriquecer o seu sinhô português. [...] O vovô dizia [...] — Deus ajude os homens do Brasil — e chorava, [...] — O homem que nasce escravo nasce chorando e morre chorando (JESUS, 1986, p. 57).

Nesse trecho, verificamos que o espaço que encampa a vivência do avô da autora é dimensionado a partir da ordem do que Roberto DaMatta considera como uma sociabilidade proibida, ou seja, uma sociabilidade disciplinada e contraditória marcada pelos laços entre “pessoas” e “não pessoas”. Nesse caso, se confere que a marca indelével da escravidão está nesse sujeito impossibilitado de maior agregação social no que se refere à adesão ao mundo do trabalho.

Na perspectiva da senzala, a adesão ao novo modelo econômico, isto é, o mundo remunerado do trabalho, não leva em consideração o povo negro. A passagem sobre o avô, na pertença da terceira geração de ex-escravizados, revela um homem desesperançado diante da vida e da projeção da senzala, como o fundo do sistema delimitador que o deixa relegado a um não-lugar na sociedade.

Em outro momento, no capítulo *Ser Pobre*, Carolina discorre sobre as condições de vida dos negros nesse período. No trecho, observamos como se organizava o sistema político e econômico, que denegava o mínimo de sobrevivência ao povo negro:

Quando minha mãe me batia eu ia para a casa de meu avô. Era uma choça quatro tábuas coberta com capim. Semelhante às ocas dos índios que eu via nos livros. A casa do vovô era tão pobre! [...] Uma coberta tecida no tear, um pilão, uma roda de fiar o algodão, uma gamela para os pés e duas panelas de ferro. Não tinham pratos, comiam na cuia (JESUS, 1986, p. 25).

Em *DB* suas digressões também trazem à tona referências ao passado vivenciado nos quilombos. Através da perspectiva da senzala são resgatadas as histórias narradas por seu avô Benedito José da Silva², que revelam a visão de mundo desses indivíduos organizados num modelo específico de resistência:

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava dos Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. (JESUS, 1986, p. 58).

Nessa projeção vislumbramos a instauração de outro olhar. A autora se interpõe no discurso, revelando a perspectiva da acomodação cultural do seu povo. O registro da oralidade em “nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão” remonta a uma perspectiva historiográfica³ e antropológica. Nesse caso, há a preservação dos laços afetivos quando se referencia o fato de se assentarem em regime de comunhão para receberem informações ancestrais acerca de seu grupo de formação. Além disso, podemos observar a manifestação da conduta ideológica desse povo, já que o relato do avô sobre Zumbi dos Palmares procura perpetuar a preservação de seus heróis.

Nesse fragmento se denuncia a demarcação dos nichos onde se proporcionavam as trocas culturais do povo negro, assim como a existência de um traço antropológico dessa cultura: a importância da veiculação da história oral para a dinamização e o fortalecimento do grupo. Não é por acaso que Bitita considerava o avô um “Sócrates africano” (JESUS, 1986, p. 119), pois, através da sabedoria do avô, ela conseguia fazer as apreensões referentes à sua concepção de mundo.

² Avô materno de Carolina e filho de pais escravizados descendentes de cabindas, Benedito José da Silva nasceu em 1871 quando vigorava a lei do “do ventre livre”. Segundo a autora, ele resguardava as histórias dos negros locais do período da escravidão e do pós-abolição.

³ Nesse caso, a perspectiva historiográfica de matriz africana é que faz o resgate da figura do **griot**. Segundo Carvalho, dentro da tradição africana “[...] o griot é uma figura emblemática responsável pela preservação da cultura e da memória dos antepassados por meio da oralidade.” (CARVALHO, 2014, p. 313).

Nesse caso, reforçamos a potência e a capacidade imperativa do discurso carolineano ao demonstrar a importância da preservação da história oral, quando o sujeito de enunciação está circunscrito nos limites de uma sociedade escravocrata. Outra possibilidade de averiguação do ponto de vista da senzala, ou melhor, da enunciação do elemento negro como um ser acional⁴, está no discurso de Bitita sobre o tempo em que os negros já alcançavam alguns procedimentos mínimos de instrução. Entretanto, na maioria dos casos, eram interceptados, como demonstra na seguinte passagem:

No ano de 1925, as escolas admitiam as alunas negras. Mas quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos. As professoras aceitavam os alunos pretos por imposição. (JESUS, 1986, p. 38).

Roberto DaMatta já havia especificado que, na obra *Casa-Grande & Senzala*, a perspectiva que os indivíduos apresentam em relação à casa habitada reflete modelos de comportamento que se estendem às relações sociais. Em *DB* as delimitações espaciais são sempre da ordem da repulsão ao projeto de incorporar esses indivíduos a uma congregação social maior. As rejeições passam pela incapacidade de serem aceitos em instituições escolares, até nos espaços referentes ao trabalho mais convencional, como se mencionou no exemplo acima.

Acreditamos que essas delimitações, transpostas na obra de Carolina, simbolizam ou metaforizam o sistema de dominação que perdurou no início do século passado. As reminiscências da escritora revelam que as relações sociais, nesse tempo, repeliam o fluxo do povo negro e obliteravam o acesso às melhorias de seus contingentes. Reforçamos essa premissa quando, em outro momento em *DB*, verificamos a conduta das instituições em relação ao ingresso dos negros no espaço escolar. A autora narra um trecho onde a professora negligencia o fato de a presença dos negros no âmbito escolar ser positiva, além de desconsiderar o ser humano do ponto de vista da alteridade:

[...] Elas diziam que toda a profissão tem seu lado negativo. Depois exclamavam: — Os abolicionistas, vejam o que fizeram! Essa gente agora pensa que pode falar de igual para igual. Eu, na época da

⁴ Essa perspectiva do negro como um ser acional é amplamente defendida na obra *Pele Negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon. Esse estudo do psiquiatra martinicano é de fundamental importância na tentativa de se tentar projetar aqui a perspectiva do ponto de vista da senzala frente ao ponto de vista do alpendre, nitidamente produzido e alicerçado como unívoco dentro da cultura brasileira.

abolição, tinha mandado toda essa gente repugnante de volta para a África. (JESUS, 1986, p. 39).

Outra perspectiva de afastamento, obliteração e negligenciamentos e refere à questão de pertencimento à terra. No capítulo *Os negros*, temos o processo diaspórico a que os negros foram assujeitados, pois, na busca por sobrevivência, eram sempre obrigados a partir em busca de novos lugares. Essa disseminação, via de regra, fragilizava a composição dos grupos que, sem ter como sobreviver em espaços tão desprovidos de recursos, recorriam à migração para outros territórios, como se observa no trecho a seguir:

Quando um negro dizia: — Eu sou livre!,ninguém acreditava e zombavam dele.[...] O vovô nos olhava com carinho. “Deus os protegeu auxiliando-os a não nascer na época da escravidão”. Os negros libertos não podiam ficar no mesmo local. Deveriam sair de suas cidades. Uns iam para o estado do Rio, outros para o estado de Minas, de Goiás, para ficar livres dos xingatórios dos ex-sinhôs, e repetiam as palavras de Castro Alves: “O negro é livre quando morre”. (JESUS, 1986, p. 59).

A perspectiva da perda do lugar de fixação e da formação do grupo fragilizava as relações internas. Em *DB* há várias menções de privilégios concedidos aos imigrantes italianos, como,por exemplo, no âmbito das relações de trabalho. A autora narra que havia interesse do país ser reformulado pela mão de obra dos europeus industrializados.

Esse evento foi viabilizado por um grande incentivo ao processo imigratório, que subentendia que os estrangeiros tinham distinção ao executarem seus trabalhos em terras brasileiras. Em contrapartida, o mesmo procedimento não teria sido oferecido à mão de obra negra, que ficava à mercê de trabalhos menores, contando com as modestas contribuições dos colonos e as relações de favor⁵:

O Brasil abria imigração para a Itália. [...] Eles vinham para ser colonos, iam arrendar as terras dos fazendeiros, para as plantações. Quando os italianos chegaram, viram que o único braço ao seu alcance para auxiliá-lo era o braço negro. (JESUS, 1986, p. 40).

Nesse trecho a análise da perspectiva do mundo do trabalho está diretamente ligada ao campo político e ideológico, pois fica nítido que nesse período de transição se

⁵ Referimo-nos ao estudo de Schwarz (2000) ao analisar as relações de dependência da população pobre em relação aos abastados no período pós-abolição, que os tornavam refém de antigos senhores no lugar de serem considerados trabalhadores assalariados.

negligenciava apoio à população negra do país, ao passo que havia um amparo e investimento aos estrangeiros que, de acordo com as teorias da época⁶, iriam civilizar e branquear o país.

Nesse caso a substituição da mão de obra negra pela italiana reforça o descrédito a que esses indivíduos foram sujeitos desde muito tempo. A perspectiva da senzala, referenciada pelo discurso de Carolina, vai, novamente, ao encontro do pensamento de Roberto DaMatta no que diz respeito à transformação do escravo em cidadão (dependente e cliente) e a transformação dos senhores em patrões.

Essa perspectiva projeta uma dimensão em que o negro assujeitado e impossibilitado, vivendo no fundo do sistema, conta com o desdém da força de seu trabalho e a inacessibilidade a qualquer espaço possível de interlocução. Podemos, assim, conceber que o espaço da casa de infância da menina Carolina se reduz ao fundo de um sistema, como formulou Roberto DaMatta, estendendo-se, na mesma perspectiva, às condições de acesso à cidadania.

Nesses termos, evidenciamos que as relações sociais mencionadas em *DB*, demarcadas a partir da condição dos espaços ocupados por determinados indivíduos, convergem para a perspectiva de um existir como negro. Acreditamos que o discurso de Carolina demonstra o ponto de vista da senzala, contribuindo para a configuração de um novo olhar para a história do povo negro, elevando-o à condição de matriz étnica brasileira, considerando desde sua força de trabalho até as mais diversas contribuições culturais.

II - DE FREYRE À *BITITA*: OS ESPAÇOS DE INTERLOCUÇÃO

O que preocupava era a infelicidade dos pretos. Quando ocorria um crime ou um roubo, os pretos era os suspeitos. Os policiais prendiam. Quantas vezes eu ouvia os maiores dizendo: — Negros ladrões, negros ordinários. Eles diziam: — Não fomos nós. Notava seus olhares tristes. Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam: — Negrinha! Negrinha fedida! A avó de minha

⁶ Segundo Lília Moritz Schwarcz “paralelamente ao processo que culminaria com a libertação dos escravos, iniciou-se uma política agressiva de incentivo à imigração, ainda nos últimos anos do Império, marcada por uma intenção também evidente de ‘tornar o país mais claro’(SCHWARCZ, 2012, p. 39).

mãe dizia: — Eles são como espinhos, nascem com as plantas.

(Carolina Maria de Jesus)

Como vimos nesta imponente obra de Carolina o ponto de vista da senzala faz um contraponto ao privilegiado ponto de vista do alpendre⁷, manifesto por aquilo que a crítica nacional conjecturou como referência ao pensamento de formação da cultura brasileira. Devido a isso, foram elencadas partes do discurso de Carolina e as múltiplas vozes que ecoam por esse viés.

Em nossa análise vasculhamos a obra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala* (1933), especificamente o capítulo IV, que tratado tema “O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro”. Nesse capítulo, o autor parte da seguinte premissa: “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma e no corpo [...] a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.” (FREYRE, 1954, p. 489).

Essa máxima anunciada pela obra freyreana deve ser considerada de acordo com o tempo em que foi escrita, pois se fazia necessário promover o fortalecimento das três raças originárias da cultura brasileira. O tema foi largamente discutido no meio intelectual, principalmente, a partir das décadas de 1950 e 1960, motivando diversos debates como expôs o historiador Carlos Guilherme Mota. Muitos representantes da *intelligentsia* nacional condenam Gilberto Freyre por reproduzir a perspectiva da sociedade da época, tomando o ponto de vista de uma sociedade estabelecida sob os preceitos de uma lógica agrário-patriarcal, da qual fazia parte.

A partir dessa demarcação e tendo em vista que a obra freyreana é tida como um texto de formação da cultura brasileira, escolhemos alguns eventos e trechos através dos quais pudemos discutir a predominância de traços relativos à composição dos espaços que configuram as relações de poder instituídas entre brancos e negros, bem como visamos estabelecer um paralelo de diálogo com a obra *DB*. O interesse desse agenciamento de enunciação provém da necessidade de instauração do ponto de vista do elemento negro, buscando ressignificar essa enunciação a ponto de se reconfigurarem os preceitos da crítica sobre a cultura nacional.

Nesse plano de análise evidenciamos que a trajetória do povo negro é marcada por inúmeras perdas no que se refere ao fortalecimento de seus traços identitários e

⁷A expressão é de Roberto Ventura, referindo-se à perspectiva de Gilberto Freyre sobre o canavial: “Com um pé na cozinha e um olhar anguloso sobre os prazeres afro-brasileiros, Freyre via a senzala do ponto de vista da casa-grande, mirou o canavial da perspectiva do alpendre” (VENTURA, 2001).

culturais, já que a disseminação de um discurso pautado somente na perspectiva do dominador oblitera a perspectiva do dominado.

Assim, observamos que em *Casa-Grande & Senzala* a descrição dos espaços ilustra as relações sociais estabelecidas entre senhores e escravos. Nesse caso é possível visualizar como se constituía a ordem social onde eram demarcados os vínculos entre essas duas categorias de indivíduos, como no exemplo a seguir:

A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos — amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não só o de escravos mas o de pessoas de casa. Espécie de parentes pobres nas famílias europeias. À mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. Crias. Malungos. Moleques de estimação. Alguns saíam de carro com os senhores, acompanhando-os como se fossem filhos (FREYRE, 1954, p. 591).

No trecho acima, a órbita descrita é da ordenação da sociedade escravista. O espaço consagrado para o topo do sistema, ocupado pela posição do senhor, é reservado ao alto da casa, hierarquicamente planejado. Ao passo que o deslocamento dos escravos — serviçais — era reservado ao baixo, ao fundo. Dessa demarcação se prolifera uma miscelânea de tipos, como amas de criar ou mucamas, que se movem no intuito de garantir os serviços mais íntimos da casa-grande e a ordenação do sistema como um todo.

Gilberto Freyre ainda assinala que, no perímetro da casa-grande, havia a presença de “irmãos de criação dos meninos brancos”. Nessa intervenção, em que se aproximavam as fronteiras do alto e do baixo, do topo e do fundo, do senhor e do escravo, há a benevolência do senhor em permitir o contato com o segmento negro, que permitia tratar os negros como uma “espécie de parentes pobres nas famílias”.

A ideia de aproximação entre senhor-escravo referenciada por Gilberto Freyre se estende a uma condição paternalista⁸, de regalia, da qual o servo deveria tirar proveito. Fazer parte da composição da órbita do senhor garantiria o acesso para obter bons tratos e até benefícios, como se verifica em “Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não só o de escravos, mas o de pessoas de casa.”

⁸ Frantz Fanon utiliza essa condição ao se referir à postura do negro colonizado frente ao branco civilizador em diversos pontos de sua obra. Ver Fanon (2008).

A partir do trecho aqui delimitado como modelo de análise, outro registro relevante se verifica na dinâmica das relações entre senhores e escravos. Alguns “mulatinhos” compunham a mesa patriarcal, denotando certo grau de benefício na descrição freyreana. Outro registro em que se pretende resgatar certa cumplicidade na dinâmica das relações entre senhores e escravos, na visão de Freyre, é a seguinte descrição: “Alguns saíam de carro com os senhores, acompanhando-os como se fossem filhos.”

Em *DB* os espaços se projetam de acordo com a lógica estabelecida pela descrição freyreana, ou seja, as marcas de um passado escravista ainda estão incutidas na mentalidade do povo de tal forma que se manifestam em estruturas narrativas como as de Carolina. Na obra da escritora há, sobremaneira, a demarcação das hierarquias sociais, mesmo que o tempo da narrativa não seja o pertencente ao sistema escravocrata.

Nessa categorização verificamos que o espaço referente ao elemento branco e ao elemento negro ainda lembra as alusões de Freyre, descritas acima. Em *DB*, a projeção hierárquica dos indivíduos em relação aos espaços que ocupam se fixa em dois blocos. O primeiro, espaço reservado à legitimação dos entes sociais, e o segundo, espaço reservado à obliteração de outros, como podemos notar no exemplo a seguir:

Minha mãe lavava roupa por dia e ganhava cinco mil-réis. Levava-me com ela. Eu ficava sentada debaixo dos arvoredos. O meu olhar ficava circulando através das vidraças olhando os patrões comer na mesa. Eu com inveja dos pretos que podiam trabalhar dentro das casas dos ricos (JESUS, 1986, p. 27).

Nessa passagem, Carolina ocupa o espaço da interdição. Ela não faz parte das relações estabelecidas com o topo do sistema. Está instalada, novamente, no fundo do sistema e, nesse deslocamento, está afastada, no mínimo, em dois graus, já que não desfruta do convívio junto à mesa dos patrões de sua mãe e não é reconhecida a possibilidade de fazer parte desse grupo. Bitita, a filha da empregada negra, observa a mãe executar os afazeres domésticos dentro da casa do patrão branco, o que, para ela, representava um deleite.

Na busca por um contraponto às descrições anteriores de Gilberto Freyre — nas quais alguns meninos podiam ter acesso à casa-grande, sendo estes considerados *pessoas de casa* —, notamos que Bitita está afastada dessa lógica. Não se tratando mais de uma sociedade escravista, ela não se faz presente nem à mesa do patrão, nem sequer é

considerada como ente possível. No ambiente descrito, Bitita é invisível. Desse modo, o lugar que ocupa, na dimensão social de seu relato, é o da inexistência.

Outro caso passível de análise é o que trata da lógica dos espaços referentes à vida sexual da sociedade agrário-patriarcal. Gilberto Freyre aponta que a relação entre senhores e escravos, nesse sentido, se manifestava da seguinte forma:

Ninguém nega que a negra ou a mulata tenha contribuído para a precoce depravação do menino branco da classe senhoril; mas não por si, nem como expressão de sua raça ou do seu meio-sangue: como parte de um sistema de economia e de família: o patriarcal brasileiro (FREYRE, 1954, p. 625).

Em *DB* verificamos que a lógica da iniciação sexual é relatada pela voz da narradora, mas ainda se observam resquícios ecoadores do discurso freyreano em *Casa-Grande & Senzala*. Bitita narra as relações domésticas entre patrões e empregados da época. No caso desses entes que ocupam o fundo do sistema, observa-se que o tratamento dado é da ordem da injúria e da humilhação, invertendo a “culpa” da mulher negra libertina, como observamos na descrição seguir:

Se um filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram de além-mar. (JESUS, 1986, p.34).

Dentro da perspectiva freyreana a violência sexual sofrida pelas meninas negras era de responsabilidade do regime escravocrata e da ordenação patriarcal da sociedade brasileira que se vivia na época. Já dentro da perspectiva da obra de Carolina, essa premissa não mais se justificaria, pois as mesmas práticas do antigo sistema escravista estavam arraigadas nos costumes da cultura brasileira, como a autora denuncia.

Outro posicionamento descrito por Gilberto Freyre, ainda amplamente presente na sociedade descrita pela autora, é a do investimento do filho do patrão como o deflorador insaciável. Essa perspectiva deveria se restringir ao modelo escravocrata, justificando o aumento do número da população escrava reservada para o trabalho, como demarca Freyre. Em *Casa-Grande & Senzala*, essa prática se apresenta da seguinte maneira:

O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeceiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos (FREYRE, 1954, p. 622).

Em Gilberto Freyre se constata a adesão prematura dos meninos à vida sexual. Essa máxima serve para ilustrar os desígnios do sistema escravocrata, que tinha por finalidade aumentar os rebanhos dedicados ao trabalho escravo, justificando a conduta dos filhos dos senhores de engenho em molestar as meninas. Segundo Freyre, aliada à situação de um clima favorável, a conduta de posseção das meninas negras servia muito ao sistema que vigorava, como se descreve no fragmento:

Noutros vícios escorregava a meninice dos filhos do senhor de engenho; nos quais, um tanto por efeito do clima e muito em consequência das condições de vida criadas pelo sistema escravocrata, antecipou-se sempre a atividade sexual, através de práticas sadistas e bestiais. As primeiras vítimas eram os moleques e animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro da carne: a negra ou a mulata. Nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável (FREYRE, 1954, p. 621).

Em *DB*, também é relatada a posseção de meninas de acordo com as características do modelo demarcado por Freyre. Bitita relata situações em que meninas negras molestadas por filhos de patrões podem ser comparadas às meninas do sistema escravocrata descritas por Gilberto Freyre. A partir dessa prática se registra que as famílias das meninas molestadas deveriam criar os filhos sem qualquer respaldo dos pais legítimos ou do Estado.

Nesse caso, reforçamos a tese de que as relações de poder que vigoravam no sistema escravista, descritas por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*, ainda são perceptíveis em narrativas contemporâneas como as de Carolina. Os negros são acometidos por um alto grau de invisibilidade e injustiça social, como foi afirmado no seguinte trecho:

No fim de nove meses a negrinha era mãe de um mulato, ou pardo. E o povo ficava atribuindo paternidade: — Deve ser filho de Sicrano. Mas a mãe, negra, inciente e sem cultura, não podia revelar que o seu filho era neto do doutor X, ou Y. Porque a mãe ia perder o emprego. [...] O pai negro era afônico; se pretendia reclamar, o patrão impunha: — Cala boca negro vadio! Vagabundo! (JESUS, 1986, p. 35).

Em *DB* podemos recuperar diferentes movimentos de seus indivíduos na busca por interlocução. Atribuímos esse fator à perspectiva de um existir negro cuja enunciação se projeta como uma voz silenciada por um longo tempo, entretanto anunciada pela narrativa de Carolina. Como vimos, esses traços se manifestaram tanto no caso do avô como narrativa viva de resistência, quanto nos trechos em que Bitita recorda o tempo da escravidão.

Em *DB* os espaços dados ao povo negro são os da obliteração dos direitos mínimos à alteridade e à sociabilidade. Bitita é a voz do subalterno que pretende fazer a interlocução, mas, ninguém a escuta e outros não a veem. Nesse impasse, Bitita procura estabelecer uma relação com o topo do sistema, mas é sempre repelida.

Em *DB* são trazidas as descrições resgatadas de uma visão do fundo do sistema, da choça, da senzala. Acreditamos que essas interdições resignificadas são uma resposta à trajetória de um povo estigmatizado por uma lógica discriminatória que, na maioria dos casos, privilegiava o discurso de uma história unívoca, mas não menos discutível.

A relação estabelecida entre os espaços que os indivíduos ocupam em *Casa-Grande & Senzala* se estendem às relações observadas em *DB*. No intuito de reforçar essa premissa, citamos outro caso onde vemos a postura do senhor do engenho como representante do topo do sistema, conforme a seguinte descrição:

Ociosa, mas alagada de preocupações sexuais, a vida do senhor de engenho tornou-se uma vida de rede. Rede parada, com o senhor descansando, dormindo, cochilando. Rede andando, com o senhor em viagem ou a passeio debaixo de tapetes e cortinas. Rede rangendo, com o senhor copulando dentro dela. Da rede não precisava de afastar-se o escravocrata para dar suas ordens aos negros [...]. (FREYRE, 1954, p. 699).

A fixação do senhor ao conforto de sua rede revela uma situação de comodidade, que é representativa da situação desse homem na sociedade. Na descrição da vida do senhor de engenho há situações inexpressivas de movimento. A única mobilidade no trecho acima é dada pelo movimento da rede quando o senhor está em viagem ou a passeio. Esse movimento é executado por escravos: “Da rede não precisava de afastar-se o escravocrata para dar suas ordens aos negros [...]” Logo, avaliamos que os escravos garantiam a mobilidade do sistema.

Em *DB* os movimentos executados pelo patrão são restritos à lógica da autoridade, que não mais deveria ser patriarcal, mas uma nova lógica econômica, que

ainda aprisiona os direitos humanos a outras relações de poder —neste caso, as relações de favor que submetem o agregado ao dono das terras, sob a força de um novo código colonizador. O evento do filho do patrão que molesta a filha do empregado sem interdições revela o quanto se fere a dignidade de quem necessita sobreviver através da sua força de trabalho.

Nesse sentido, podemos concluir que em *DB* os movimentos executados pelo povo negro são os da articulação pela sobrevivência e busca pela inserção à nova ordem republicana. Acreditamos na evidência de uma perspectiva do terreiro, presente em *DB*, pois o discurso carolineano se concentra na busca inconstante por vislumbrar um interlocutor possível e promover sua mobilidade, condenada sempre ao fundo do sistema. A força narrativa de Carolina se concentra em denunciar outros espaços pelos quais trafegam indivíduos que necessitam ser visualizados, creditados como entes possíveis no todo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CARVALHO, José Ricardo. (2014). Educação, Identidade e Literatura oral: o griot na diáspora africana. Revista ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 08, Volume 16 jul/dez.
- FANON, Frantz. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.
- FREYRE, G. (1954). *Casa-Grande & Senzala: Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil I. Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. Coleção Documentos Brasileiros, v. 2, 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio.
- FREYRE, G. (2003). *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 14. ed. rev. São Paulo: Global.
- JESUS, Carolina Maria de. (1960). *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- JESUS, C. M. de. (1986). *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MOTA, C. G. (2014). *Ideologia da cultura brasileira (1933 – 1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. 4. ed. Prefácio: Alfredo Bosi. São Paulo: Editora 34.
- MASSEY, Doreen. (2000). Um sentido global do lugar. In: *O espaço da diferença / Antônio A Arantes (org.)*. – Campinas, São Paulo: Papius.
- SCHWARCZ, L. M. (2012). *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma.
- SCHWARZ, R. (2000). *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34.

VENTURA, Roberto. (2011). Casa-grande e senzala: ensaio ou autobiografia. In: Seminário de tropicologia- o Brasil e o século XXI: desafios e perspectivas, 35. Recife, 27 de mar. Acesso em 14 de out 2016.

Janaína da Silva Sá

Mestre e doutoranda em Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Raffaella Fernandez

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ (PNPD/Capes) e do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ)